COLEÇÃO de SEGUNDOS



Chiara da Silva Queiroz

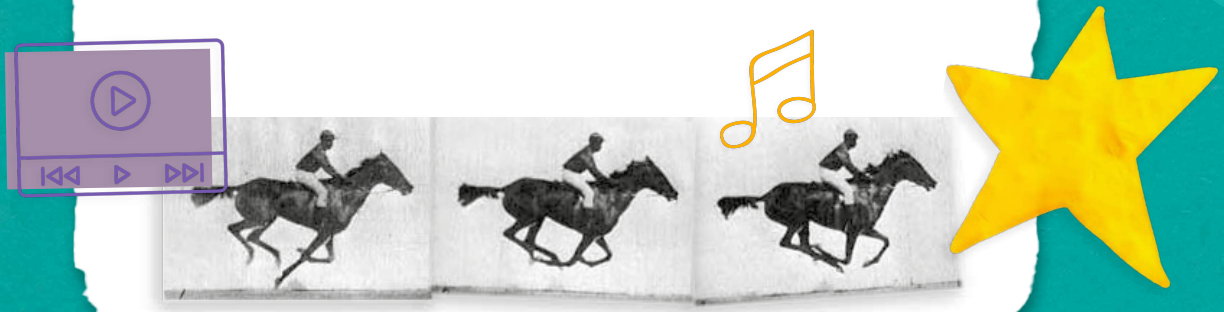
COLEÇÃO de SEGUNDOS

Aprendendo sobre leitura de imagem

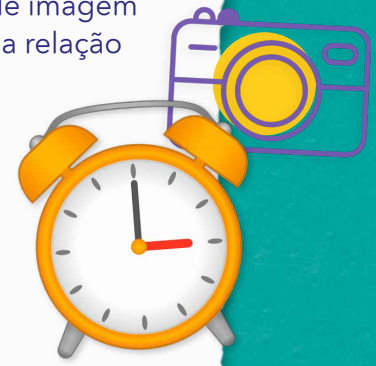
Você

também acha que às vezes é difícil entender a arte de hoje em dia? Tantas ideias novas, nomes complicados e você pode só querer deixar pra lá e falar: "*Que coisa feia*" ou "*Não entendi nada*". Parecia bem mais fácil quando só existiam dois tipos de arte: a bonita e a feia!

Mas e quando um desenho animado usa materiais diferentes em um episódio, como massinha ou animação 3D; quando um vídeo é acelerado ou feito em slow motion; quando filmes retratam a relação entre homem e máquina, como na ficção científica; quando uma música mistura diferentes estilos; e até mesmo na arte urbana, como o grafite? Todos esses exemplos mostram a influência da *arte contemporânea* e, principalmente, da liberdade de criação e experimentação que ela representa.



Entender a arte visual contemporânea e, na verdade, qualquer obra de arte, exige uma habilidade necessária a todos nós: ler e interpretar uma imagem. Quando falamos em imagem, não se limite a desenhos ou pinturas, mas pense em todo objeto que pode ser visto e interpretado. Neste livro vamos focar na imagem fotográfica, um tipo de imagem muito presente na nossa realidade. Pensaremos na relação que uma *foto* pode ter com o *tempo*.



Mas que tipo de tempo?
O passado que vemos numa foto muito antiga ou talvez aquele único momento que guardamos em uma foto surpresa que tiramos de alguém?

O tempo pode ser encontrado de várias formas: no relógio que avisa que horas são, na história sobre a infância de alguém mais velho ou no botão de flor que apareceu da noite pro dia. Às vezes ele corre tão rápido que nem percebemos que o dia já passou e às vezes ele é tão devagar que parece que aquela fila chata nunca vai andar e nós já nos acostumamos com a passagem do tempo.

Mas os artistas que vamos estudar encontraram novas maneiras de entender o que já conhecemos e transformar o tempo, eles usaram a fotografia para falar sobre o assunto.

Talvez possa parecer complicado entender um tema tão profundo, mas, para facilitar seu aprendizado, o livro se divide nas seguintes seções:

Quais fotos?

(Vamos conhecer as imagens dos artistas que relacionaram o tempo e a fotografia)

Por trás das câmeras...

(Teremos mais informações sobre os artistas, entendendo como fizeram as obras e quais foram suas intenções com as imagens)

Quanto tempo?

(Faremos perguntas para provocar seu pensamento e vamos tentar entender como o tempo interfere nas fotografias)

Álbum de fotos

(Deixaremos novas perguntas que relacionam as fotografias entre si e propostas de atividades que interagem com as perguntas)

O que as fotos nos falam?

(Daremos dicas de como interpretar a imagem dando atenção aos elementos que ela contém)

Criando um novo álbum/ Fotografando o tempo

(Agora é com você! Pense no que você aprendeu através de atividades pensadas para o seu ambiente)

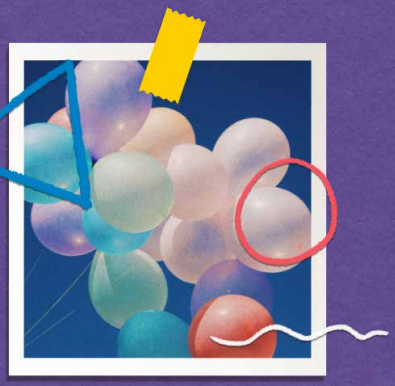
Glossário

(Apresentaremos conceitos da arte que estiverem no texto)

Agora que você entende um pouquinho sobre o que esse livro vai mostrar,

VOCÊ ACEITA ESSE DESAFIO?

Mas antes vamos entender um pouco sobre fotografia e sobre os elementos que compõem uma imagem?



Fotografia?



Por muito tempo, existiam poucos jeitos de retratar imagens bidimensionais: você poderia desenhar o que via ou imaginava, ou você pintava uma cena, ou contratava alguém que soubesse fazer uma gravura. Com a invenção da **câmera fotográfica**, se tornou muito mais comum guardar um momento em uma imagem estática.

Hoje a fotografia é tão acessível às pessoas que nem questionamos: pra quê serve? Para guardar momentos felizes ou imagens bonitas? Mas por quê limitar a fotografia ao registro de uma situação, se ela nem mais precisa se limitar à representação exata da realidade?

Bidimensional

Essas imagens só existem em duas dimensões: a **altura** e a **largura**. Elas não têm profundidade, ou seja, não têm volume, a não ser que sejam usadas técnicas de ilusão de profundidade. Assim, elas são lisas e só podemos ver um lado do que está sendo apresentado. É como um desenho, uma pintura, uma gravura.





Existem vários jeitos de modificar fotos só com a própria câmera: usando diferentes lentes como, por exemplo, a **olho-de-peixe**, que, por ter um grande campo de visão, pode distorcer uma imagem; usando filtros na frente ou perto da lente, que podem mudar a cor ou o brilho de um objeto; imprimindo em negativo, invertendo os tons reais… são muitas possibilidades de distorção das imagens reais.

Também existem vários tipos de câmera como as câmeras subaquáticas, câmeras de infravermelho, câmeras ultrarrápidas e várias outras, capazes de alcançar até mesmo além do olho humano.

Com tantas possibilidades, os artistas perceberam que poderiam utilizar as particularidades das câmeras para criar obras que pensam a fotografia para alcançar ideias diferentes.



Porque fazer uma fotografia parece congelar o tempo, você já pensou nisso?

A possibilidade de parar o tempo e o guardar para sempre pode funcionar como uma grande fonte de possibilidades para os artistas, ainda mais quando eles podem manipular aquilo que estão guardando nessa imagem.



É como se a fotografia pudesse mudar a realidade das coisas que vemos e isso só depende das ideias do artista ou fotógrafo.

Mas, se a fotografia consegue representar tão bem a realidade que vemos com nossos olhos, que motivo um artista teria para modificar o assunto até que ele não se pareça com o que podemos ver? Alguns usam a imagem fotográfica para **manipular o tempo** de um simples piscar de olhos, outros para registrar um vôo, fotografar um momento em que a terra se transformou e até mesmo exibir o próprio tempo. Que intenção tinham esses artistas?





Esses artistas não pensaram somente em como usar as máquinas fotográficas, também foi necessário pensar em como eles iriam expressar o que queriam dizer. Afinal, do que adianta manipular o material se não sabemos o poder que a imagem pode ter?

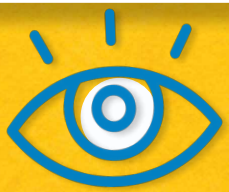
Entender esse poder é também entender que aquilo que o artista conta não é necessariamente o que o leitor vai entender, porque cada pessoa interpreta o que vê de um jeito diferente. Essas interpretações podem ser orientadas pela observação de alguns traços que toda imagem apresenta: os elementos visuais. Vamos aprender a ler as imagens?

O que vemos nas fotos?

Do menor ponto ao maior objeto de uma imagem, cada parte de uma obra tem algum tipo de efeito em nós, os leitores. Essa 'parte', o *elemento visual*, é um pedaço essencial do todo que é a imagem, pois os elementos visuais são a essência da obra, o corpo de uma obra.

E assim como interpretar a expressão do corpo é subjetivo, ou seja, é único de cada pessoa, o que entendemos dos elementos da linguagem visual depende do conhecimento geral sobre os significados que eles podem ter junto as nossas próprias interpretações. Mas os elementos também podem representar uma ideia geral que vai além do pensamento subjetivo.

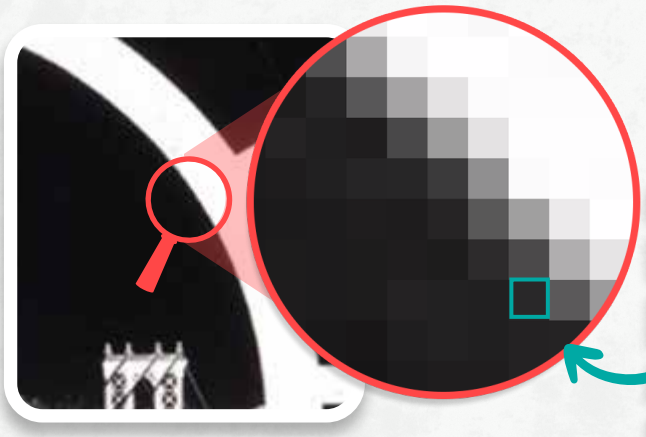




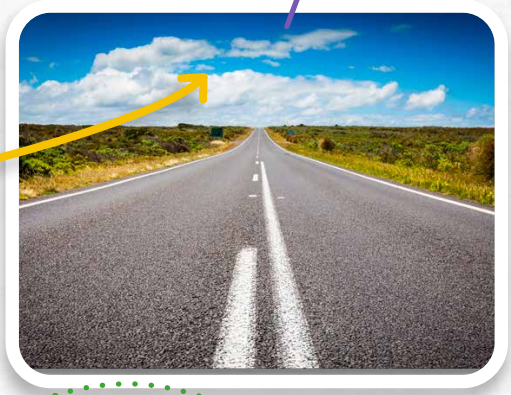
Mas quais são e pra quê são usados esses tais elementos?

PONTO

Um único ponto já faz diferença em uma imagem! Ele pode quebrar a harmonia da imagem quando está em um lugar inesperado. Quando os pontos ficam muito juntos se transformam em uma linha ou em um conjunto de cores.



Um pixel digital de uma fotografia, por exemplo, é um ponto de luz que, quando está bem próximo de outros pixels, é visto pelos nossos olhos como uma cor ou tom, que pode criar uma imagem mais ou menos definida dependendo da quantidade de pixels na imagem.



LINHA

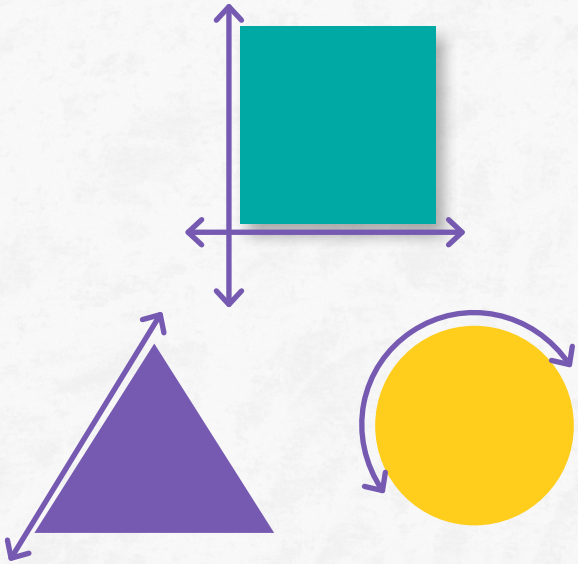
Define o movimento dos pontos. As linhas podem servir pra criar uma sensação de direção (pense em fotos da natureza em que cipós, galhos e troncos seguem um caminho ou na imagem de uma estrada que se afasta da nossa visão) ou podem diminuir uma imagem ao seu esqueleto (quando desenhamos em cima do contorno de uma foto, seguindo a linha que percebemos, estamos marcando o esqueleto dessa foto).

FORMA

Quando fechamos uma linha ou colocamos várias em conjunto podemos criar alguma forma. As formas podem ser muito diversas, mas entre as geométricas existem **3 formas básicas** e mais conhecidas: o quadrado, o triângulo e o círculo, que podem ser usadas para expressar ideias e sentimentos.

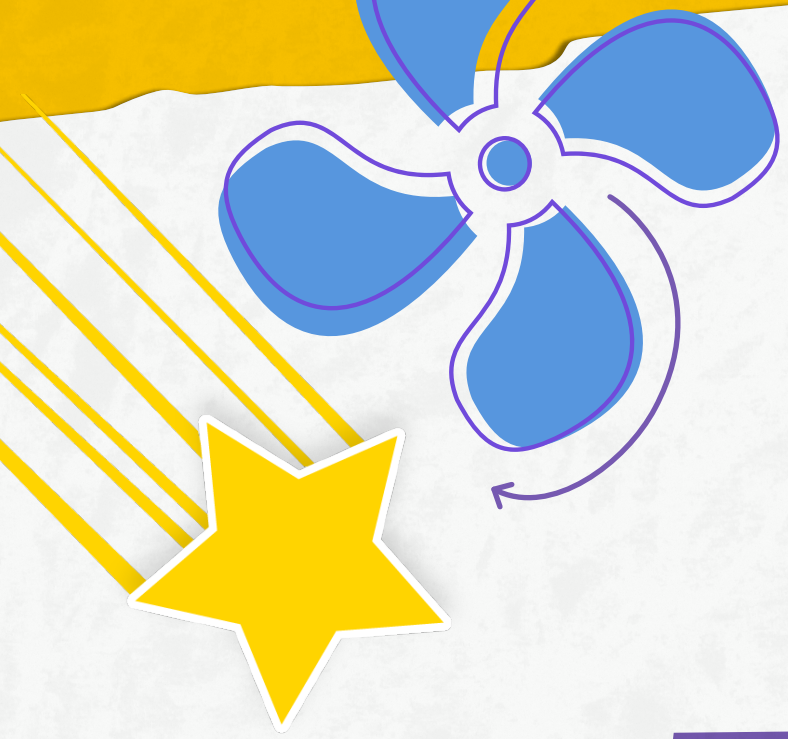
Na fotografia, as formas podem aparecer tanto na forma de objetos que fazem parte da imagem, quanto na própria estrutura da foto. Além das 3 formas, várias outras podem ser alcançadas usando vários tipos de linhas e elas podem ter mais ou menos destaque de acordo com a intenção do artista. *Você conhece que outras formas geométricas?*





DIREÇÃO

A estrutura da imagem pode ser percebida através da direção que os elementos seguem. As 3 formas anteriormente citadas seguem 3 direções: o quadrado segue a linha horizontal e vertical, o triângulo segue ao menos uma diagonal e o círculo é formado por uma linha curva. Assim como as formas, as direções expressam ideias.



O quadrado pode representar o equilíbrio, como alguém que está em pé; o triângulo pode representar algo instável, como se essa pessoa estivesse prestes a cair e o círculo pode representar a repetição, como se essa pessoa estivesse girando em uma ladeira. Por exemplo, uma imagem que segue a estrutura de um triângulo pode causar a sensação de ação ou desequilíbrio, enquanto uma estrutura quadrada é mais estável.

TEXTURA

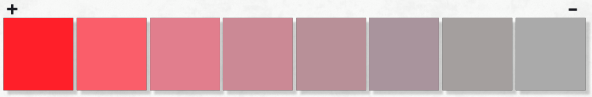


É como a pele de uma forma. Ela nos causa a sensação do que seria tocar aquela forma. Uma foto pode representar uma textura que não seria tão visível, como algo liso como um papel, áspero como uma lixa, macio como um travesseiro, ou mostrar texturas mais visíveis, como as nervuras de uma folha, a superfície líquida de um rio ou metálica de uma lata.

A textura é importante para aumentar nossa conexão com uma imagem, porque nosso cérebro reconhece a textura e nos faz lembrar da sensação do toque que já conhecemos (ou imaginamos conhecer).

COR

Além da textura, a cor também faz parte da pele da forma. Ela nos passa várias emoções e pode nos fazer ter sensações específicas por uma imagem. Por exemplo, uma obra com muito vermelho pode nos passar paixão ou raiva, nos deixar acelerados, enquanto uma obra com muito branco nos parece mais calma e tranquila, pode parecer lenta. Por isso, alguns fotógrafos mudam as matizes de suas imagens através de filtros ou edição de foto, alterando assim a impressão que as cores de sua obra causam.



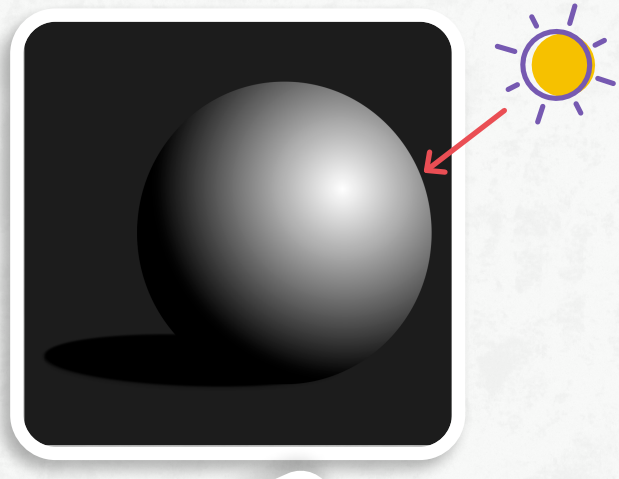
Saturação

Podemos diferenciar as cores identificando sua matiz (a cor pura) e essa matiz pode ser mais clara ou escura, de acordo com a luminosidade que ela contém. Uma foto pode conter diversas matizes ou ser monocromática e essa escolha pode influenciar os sentimentos que a foto nos passa.

Fotos coloridas, especialmente as com cores mais brilhantes (também chamadas de cores saturadas) podem chamar atenção pelas suas cores mais do que pelo que está sendo representado, assim como fotos monocromáticas ou com cores mais apagadas (menos saturadas) podem destacar mais a forma ou os tons que aparecem.



TOM



Apesar de parecer um sinônimo para cor, o tom é na verdade a diferença de luz existente em um objeto e é o que nos permite ver um ambiente. Justamente por tratar de luz, é um conceito importante para a fotografia. Por exemplo, quando estamos em um lugar escuro, vemos objetos pelo tom diferente um do outro. Um objeto de cor mais clara aparece com um tom acinzentado claro e um objeto muito escuro tem um tom tão escuro que é mais difícil de se enxergar.

O tom define o volume de um objeto e assim define uma forma. No começo, todas as fotos eram preto-e-branco e os artistas tinham que trabalhar os tons da imagem e como eles se relacionavam entre si ao invés de pensar nas cores das fotos, por isso a atenção se concentrava na diferença de luz entre os elementos das fotos.



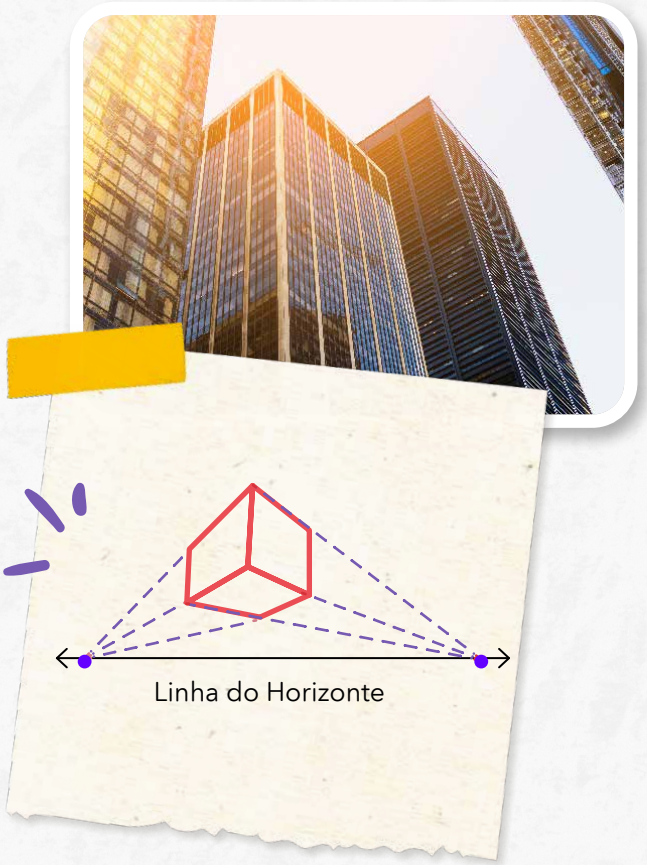
Monocromático

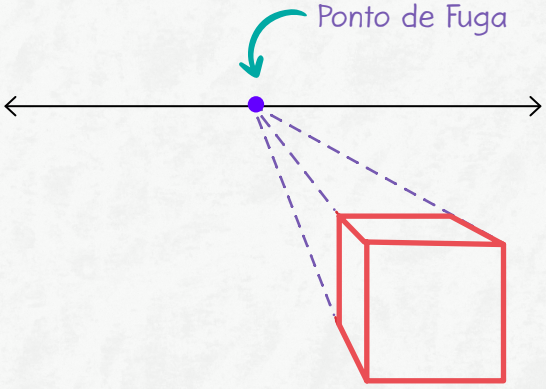
É tudo aquilo que tem uma só cor, que pode ou não ter vários tons. Lembra qual é a diferença entre cor e tom? No dia a dia, fotos monocromáticas costumam ser sinônimo para fotos em tons de cinza.

DIMENSÃO

A dimensão é o espaço que um objeto ocupa na imagem, o tamanho que ele tem (por si ou em relação aos outros elementos da imagem). Ao ver a dimensão você consegue imaginar até onde esse objeto existe dentro do cenário de uma imagem. Por exemplo, se você já conhece a forma que um edifício deve ter, quando você vê a fachada você consegue imaginar como ele é ao todo, inclusive dos lados que não são visíveis, porque você tem ideia da dimensão desse prédio.

Na arte, a dimensão pode ser representada com a perspectiva, que é imitada através do conjunto de luz, sombra, linha e tom, para imitar a visão humana de como veríamos o objeto. Uma técnica muito utilizada para trabalhar a noção de dimensão é o ponto de fuga, um ponto na imagem que define de que altura nos estamos vendo a imagem, como olhar um objeto no chão de cima ou o mar conectado ao horizonte. Na fotografia, o ponto de fuga é usado para definir o caminho que nossos olhos irão seguir, mas também mostrar a profundidade da imagem, enganando nossos olhos sobre a bidimensionalidade da foto, fazendo ela parecer ainda mais real.





ESCALA

Além da dimensão, outra técnica usada para mostrar profundidade é a escala. Ela representa a altura de um objeto e é definida através de outros objetos da imagem. Imagine uma bola de futebol. Quando próxima ela parece grande em relação a uma bolinha de tênis, mas pequena perto de uma bola de basquete.

Dentro de uma fotografia nenhum objeto é realmente grande ou realmente pequeno, depende de que objeto esta do lado dele. Fotógrafos usam a escala para fazer algo inofensivo parecer assustador por ser maior do que costuma ser, ou algo enorme parecer frágil, por exemplo, assim manipulando nossa visão sobre o que é apresentado.





MOVIMENTO

O movimento numa imagem é uma ilusão que pode ser imitada com certos elementos. Por exemplo, usar linhas que movem pode fazer com que uma pessoa pareça estar correndo ou pulando, mas esses elementos dependem completamente da ilusão do nosso cérebro para que ele pareça real.

A fotografia é especialmente usada para a ilusão do movimento, porque a captura automática do movimento de uma pessoa ou objeto faz a ilusão parecer ainda mais realista. Um filme, que é na verdade uma montagem de várias fotos juntas passando rapidamente (ou devagar, dependendo da intenção do artista), é um bom exemplo de como a fotografia pode nos passar facilmente a ideia de movimento.

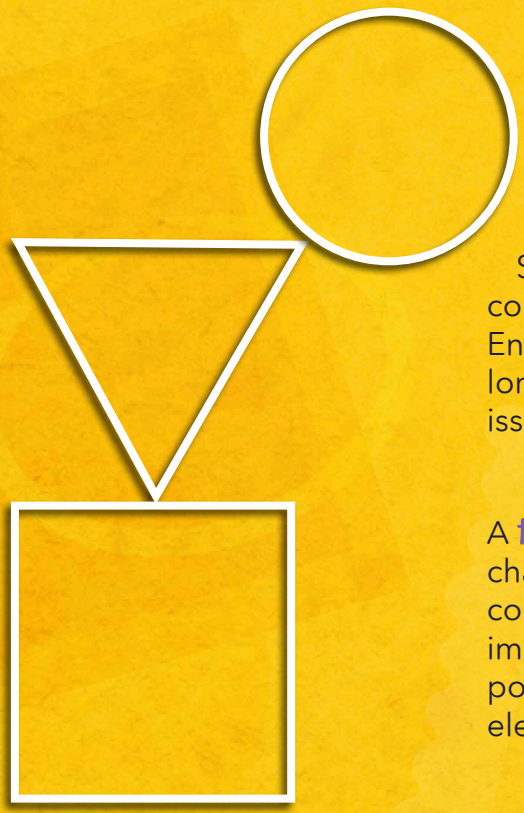
Esses elementos podem ser manipulados para representar exatamente o que querem mostrar ou o oposto do que você esperaria, através de alguns modos como a **simetria**, o **contraste**, o **equilíbrio**, a **tensão** e o **agrupamento**.

AO OBSERVAR IMAGENS, PENSE: PARA ONDE SEUS OLHOS SE DIRECIONAM PRIMEIRO?

Dependendo do lugar dos objetos na imagem e do peso que eles têm, seremos mais atraídos para o lado que mais pesa para nossos olhos. Ao tirar uma foto, o artista vai pensar no nível de equilíbrio que quer alcançar: a foto vai pesar mais para a esquerda, concentrando nossa visão no que aparece desse lado ou na direita? Ou o melhor seria uma foto completamente equilibrada, onde o peso não se concentra em nenhum lado?



Com essas alternativas, o fotógrafo pode criar uma imagem mais ou menos equilibrada, mas não é só através do peso esquerda-direita que ele pode manipular o caminho dos nossos olhos.



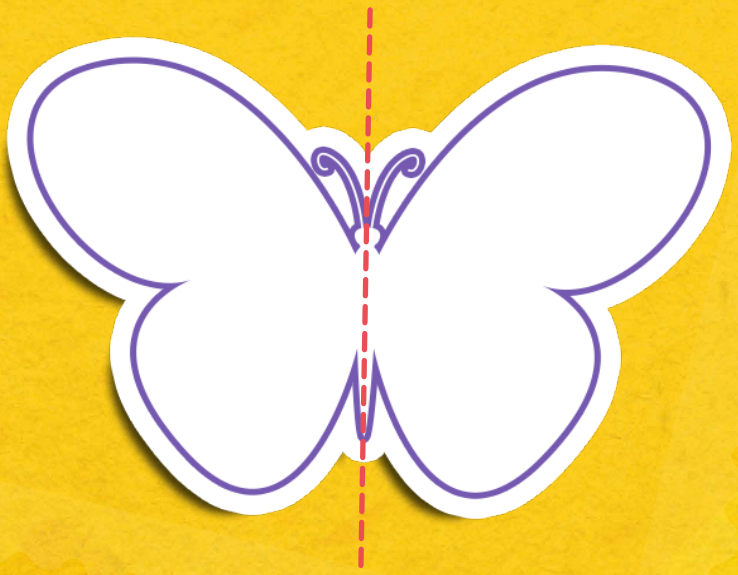
Estamos acostumados a ler textos da esquerda para a direita e por isso, nossos olhos naturalmente começam a ver uma imagem pelo lado esquerdo.

Seguindo a linha do horizonte, nossa leitura se concentra primeiramente do centro pra baixo. Então, quanto mais os objetos se encontram longe desse espaço, mais pesada fica a obra e isso traz tensão.

A **tensão** pode deixar uma obra mais intensa ao chamar mais atenção para certos aspectos, assim como o desequilíbrio. Desse jeito, mesmo uma imagem com o peso dividido pelos dois lados pode ser pesada dependendo da altura em que eles se encontram.

Contrário à tensão, a **simetria** funciona para equilibrar a imagem. Ela acontece quando os dois lados de uma imagem têm os mesmos elementos ou objetos que dão a sensação de equilíbrio, fazendo com que um lado seja o espelho do outro.

Assim, a imagem fica leve e também bem mais simples, pois não existe um lado que chama mais atenção que o outro.



Outro jeito de chamar atenção para um elemento específico da fotografia é através do **agrupamento**, que acontece quando existe um conjunto de elementos que se unem e formam a sugestão de uma imagem. A regra é que elementos parecidos que estão perto se atraem e, quando planejados, podem nos mostrar uma forma mais ou menos definida. Porém, elementos que estão separados lutam pela atenção, assim como elementos desequilibrados.

Uma imagem mais equilibrada traz mais harmonia e leveza, enquanto uma obra desequilibrada ou com locais de tensão nos dá sensação de **peso**. Isso pode ser usado para nos surpreender, saindo do esperado, como imagens em que o peso dos objetos não condiz com a realidade.



Mesmo obras com temas, cores e objetos leves podem passar a impressão de peso dependendo de como os elementos estão organizados e é por isso que prestar atenção nos elementos das imagens nos ajuda a entender a ideia que o criador da imagem quis passar.

Assim como precisamos aprender a ler e diferenciar as letras para entendermos um texto, aprender sobre esses elementos nos ajuda a entender as pistas que estão espalhadas pela imagem e o que elas podem significar. Ou seja, nós lemos a imagem. Mas não basta saber na teoria, precisamos exercitar nossas habilidades de leitura. Então vamos observar as próximas imagens com atenção?

O que você vê nas fotos?

Agora que você está se familiarizando com os elementos, o que pode fazer com eles? Na próxima seção, você encontrará imagens que vamos analisar juntos – mas não pule para elas! Primeiro precisamos avançar para o processo de leitura de imagem.

OLHE AO SEU REDOR E ENCONTRE IMAGENS. Ou então use sua memória para lembrar de imagens significativas que você tenha visto recentemente e procure por elas online. Dê uma primeira olhada nas imagens e vamos pensar sobre elas.

Qual é sua primeira impressão sobre essas imagens?
O que elas parecem passar para você?

COMECE ANALISANDO OS ELEMENTOS VISUAIS BÁSICOS.

Quais fotos demonstram linhas visíveis?

Para quais direções elas apontam? Para onde seus olhos seguem?

Elas passam alguma impressão de movimento ou parecem mais paradas?

Quais formas chamam mais sua atenção?

Quais compõem a estrutura das fotos?

Existe simetria na estrutura?

Você consegue diferenciar os tons nas imagens? Eles são na maioria claros ou escuros?

Quais elementos estão agrupados? Que tons eles apresentam?

Como a escala se faz presente? Os elementos mais grandiosos das imagens correspondem às suas alturas reais? Se não, que impressão eles passam?

Há presenças de cores ou texturas? Que sensações elas causam em você?

Quais são os pontos de tensão das imagens? Existe equilíbrio nelas?

Quais parecem mais pesadas e quais são mais leves? Que elementos estão influenciando no peso?

Você consegue encontrar o ponto de fuga de cada imagem? Ele está acima do horizonte, abaixo ou na linha?

Existem imagens que não mostram ponto de fuga? Essa falta ajuda ou dificulta a percepção de dimensão da imagem?

Após a leitura dos elementos, você deve ter uma visão nova sobre a imagem que observou, certo?

Como você leu anteriormente, aprender a ler uma imagem nos ajuda a entender pistas espalhadas por ela. Todos os dias vemos imagens carregadas de significado, mas não paramos para entender o que elas querem dizer. Mas a leitura não se encerra nos elementos!

A partir da próxima seção, vamos analisar profundamente quatro obras que também estão cheias de significado e esperando por um leitor que as decifre. Repita o exercício e encontre em cada obra suas pistas escondidas.

Em seguida, iremos entender juntos quem era aquele artista e que ideias estão por trás daquela obra. O que ela esconde?





QUAIS FOTOS?



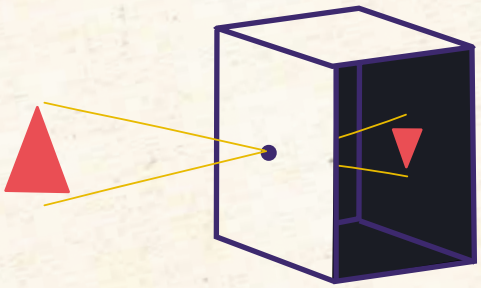
Torre do Relógio, Brooklyn XI: 1 Junho - Vera Lutter, 2009

Por trás da câmera...

Vera Lutter, artista alemã, era fascinada pela visão da Nova York industrial. A imagem ao lado, parte de uma série de Torres de Relógio fotografadas em diversos horários do dia, é uma entre várias representações invertidas de ambientes urbanos. Essa imagem não foi feita com uma câmera convencional, mas com uma espécie de pinhole.

PROCURE OUTRAS OBRAS DA ARTISTA E PENSE: elas parecem com o seu ambiente? Ou parecem o inverso?

Você conhece uma câmera pinhole?



É uma câmera onde a imagem não vem com um clique; mas sim por um buraco muito pequeno permite que a luz entre e a foto é projetada na parede ou no papel. Vera imitou uma câmera pinhole e transformou o apartamento em algo parecido com uma pinhole gigante. Então imprimiu a imagem em um papel fotográfico colado na própria parede. Esse processo pode levar de horas a dias, dependendo da quantidade de luz do ambiente!

QUANTO TEMPO?

Como vemos o tempo?

A fotografia de Vera Lutter foi tirada de dentro da torre do relógio de Brooklyn, onde se pode ver a cidade do lado de fora e a luz ilumina por dentro quando o sol bate.

A artista não retrata apenas o tempo que o relógio marca, mas o tempo que a cidade vive, o tempo natural e imediato que é alongado na fotografia e registrado por ela. Pela espera que ela passa para imprimir essa foto, o tempo precisa se demorar, dando o ciclo para que a imagem possa ser criada em um processo tão longo que o relógio parece ir mais devagar.

Essa obra depende do tempo para existir, do tempo que vemos passar no relógio ou no sol se pondo, mas também no tempo que a imagem precisa para ser registrada no papel fotográfico. Por isso, a obra representa mais essa ideia, esse conceito, do que a imagem que ela nos mostra. Quando você sabe da história por trás dela, você pode ver que é como se ela fosse uma marca do tempo que passou por ela, desde o momento do clique da câmera.

COMO VOCÊ PODERIA REGISTRAR O TEMPO DENTRO DE SUA CASA?

A *arte conceitual* é um movimento construído a partir de 1960. Nas obras de arte conceitual importam mais o conceito ou ideia em que ela se baseia do que aquilo que nossos olhos podem ver literalmente. Ela pode ser um projeto, uma ideia abstrata ou um trabalho concluído. Independentemente de como se apresenta, a obra ainda precisa da leitura dos significados que a imagem mostra, mas a ideia que a obra representa sempre deve ser considerada para alcançar uma leitura completa.



QUAIS FOTOS?



Salto no Vazio - Yves Klein, 1960

Por trás da Câmera...

Yves Klein teve uma carreira curta mas de grande destaque. Ele pintava obras de maneira única: pinturas monocromáticas usando uma cor que ele mesmo criou! Sua arte falava sobre o vazio e o inexistente, sendo espiritual ao mesmo tempo que realista. Mas afinal, se o vazio não é visível, como podemos representá-lo na arte?

Que tal essa fotografia? Sabe algo interessante? A primeira vez que o público viu essa foto não foi numa exposição de museu, mas sim quando ela foi lançada na capa de um jornal que até então não existia, porque ele foi criado por Yves Klein. Na publicação, o artista escreve um texto falando que o homem monocromático irá libertar a escultura de seu pedestal, ao pintar o espaço, sem enganações ou truques, mas com levitação. Mas como ele poderia pintar o espaço sem usar de truques? Acabou criando essa imagem, onde o artista se lança num salto no vazio.

UM SEGREDO PARA VOCÊ: na foto, apesar da impressão de que ele está realmente pulando para o vazio, uma lona o impede de cair no chão, mas ele chegou a testar várias fotos, inclusive sem ninguém por perto para o segurar!

QUANTO TEMPO?

Como parar o tempo?

Assim como na fotografia de Vera Lutter, essa imagem conseguiu congelar o tempo. Vemos Yves Klein no momento do seu pulo, um momento tão rápido que poderia passar em um piscar de olhos. Ele usou a rapidez de uma fotografia para gravar em um papel aquele instante rápido, como muitos de nós fazemos quando queremos lembrar para sempre de um momento que estamos vivendo.

Conseguimos desse jeito fazer com que ele não vire passado, nos dando a impressão de que paramos o presente para sempre. Essa foto permitiu que você, mais de 50 anos depois que ela foi feita, veja um único segundo de um pulo, realmente parando o tempo!

Mas Yves não procurava congelar aquele momento somente para que ele fosse visto para sempre. Não! O artista estava manipulando nossa visão através do registro de uma ação, nos dando a impressão de que ele ia flutuar, como ele mesmo anuncia. A legenda da imagem no jornal aumentava a importância da foto e, mais do que isso, nos fazia acreditar que ela deveria ser verdadeira.

A *foto jornalística* sempre foi usada para contar fatos e histórias, mas aqui o artista mostra que pode criar uma espécie de mentira usando a fotografia. Assim, ele não está apenas registrando seu pulo, mas também brincando com a nossa crença na verdade que a foto demonstra. Como é possível mentir por meio de uma imagem que parece representar a realidade?



QUAIS FOTOS?



Piscar de Olhos - Yoko Ono, 1966

Por trás da câmera...

Nos anos 60, artistas como Yoko Ono exploravam a possibilidade de fazer uma obra de arte usando vários meios artísticos em conjunto. Misturar teatro com pintura, videoarte com poesia ou fazer uma apresentação em público que junte todas essas ideias era algo novo na época.

Essa foto é, na verdade, parte de um vídeo de 35 segundos, onde observamos o olho de Yoko piscar em câmera lenta. O filme faz parte de um conjunto de 37 filmes do grupo Fluxus, do qual Yoko participava, que podem ter de 10 segundos a 10 minutos. São filmes experimentais, diferente dos que vemos nos cinemas ou nos desenhos animados, que brincam com tempo e imagem.

QUANTOS TIPOS DE ARTE VOCÊ CONSEGUIRIA USAR EM UMA SÓ OBRA?

QUANTO TEMPO?

Como distorcer o tempo?

Você já passou por aqueles momentos em que de repente percebe que está respirando, piscando ou com o coração batendo e você só consegue pensar nisso? Coisas que duram menos de um segundo, como uma piscada ou uma batida de coração, parecem durar muito mais tempo porque estamos prestando atenção nelas.

Esse vídeo funciona de um jeito parecido: chama atenção para um piscar em câmera lenta, alongando o tempo. É um tempo diferente do tempo real que vemos e vivemos, como se a artista estivesse em um lugar onde o tempo corre em outra velocidade. Mas não é o tempo que está diferente, é o jeito que o vemos (ou seja, a nossa percepção) que foi manipulada.

Essa obra não é realmente sobre ver o olho de uma mulher, mas sobre a ação da piscada. E mais: por que ela teria piscado tão lentamente? Por que vemos tão de perto?

Ela brincou com uma função da câmera, transformando o filme em algo lento e até meio cansativo, para distorcer uma ideia que conhecemos desde sempre: nós piscamos de modo tão automático que esquecemos que fazemos.

VOCÊ CONSEGUIRIA PISCAR EM CÂMERA LENTA SEM O AUXÍLIO DE UMA MÁQUINA FOTOGRÁFICA?



QUAIS FOTOS?



Linha feita pelo Caminhar - Richard Long, 1967

Por trás da câmera...

Richard Long sentia um desejo tão grande de trabalhar com a natureza que, ao invés de a retratar, ela era a própria obra. Usar o ambiente como material foi uma das possibilidades encontradas pelos artistas dos anos 60, mas será que esse material não é complexo demais? Como a natureza pode ser obra de arte?

Andando de um lado para o outro em um campo gramado, Richard conseguiu fazer uma linha no chão, marcada em um campo qualquer que encontrou enquanto andava de trem. Nessa obra, a fotografia não é a obra de arte real, mas um registro do que ele realmente quer mostrar: o ambiente e a linha, que poderia sumir ou mudar a qualquer momento.

COMO VOCÊ ACHA QUE UMA OBRA QUE É UM LUGAR PODE CONTINUAR LÁ?

QUANTO TEMPO?

Como representar a passagem do tempo?

A fotografia mostra o que os passos de Richard Long causaram, um buraco no chão. Essa foi a ação dele, um tempo que ele reservou pra andar indo e voltando. O tempo do andar poderia muito bem ter sido ignorado como quando andamos em asfalto, mas pelo ambiente que ele escolheu, por alguns momentos isso foi registrado.

Ele conseguiu representar na foto o tempo que ele gastou e sempre poderemos ver não somente aquele pequeno pedaço que ele mudou, mas também como o campo era naquele dia, uma passagem de tempo natural.

A fotografia aqui não é necessariamente a obra, porque a obra já aconteceu no campo que ele fotografou. O que ele causou naquele lugar foi uma intervenção e esse é um tipo de obra muito popular hoje em dia, porque interage diretamente com o lugar e com as pessoas. O artista interagiu com o lugar, transformando-o em algo novo. Mas esse algo novo iria sumir muito fácil com as ações da própria natureza, como a chuva. Então a fotografia guardou um momento que sumiria depois, congelou o tempo e paralisou as mudanças possíveis de acontecer, porque a natureza se refaz constantemente, assim como o tempo. E você, como conseguiria registrar pela fotografia uma ação do cotidiano, como caminhar?

A *intervenção artística* acontece quando o artista interfere em um lugar, na criação ou até na ação de outra pessoa. Alguns exemplos são colagens feitas em cima de outras imagens, cartazes artísticos colados em paredes públicas, desenhos em cima de fotografias já existentes, atuações ou performances em espaços públicos ou, como no exemplo de Richard Long, interferência humana sobre a natureza. Uma intervenção acontece com o objetivo de transformar um lugar, a visão das pessoas sobre o objeto ou mudar a "normalidade" de uma situação.

ÁLBUM DE FOTOS

Agora que sabemos o que se passa por trás de cada obra, temos que pensar: qual é a relação entre elas?

Afinal, essas quatro imagens foram escolhidas por um motivo, não? Elas podem parecer muito diferentes à primeira vista, mas quando montamos um álbum, com todas lado a lado, algumas ideias que elas apresentam são muito parecidas.

Serão apresentadas apenas algumas das várias possibilidades de interação entre as obras, pois, com sua leitura você pode ver por ângulos que aqui não seriam alcançados. Procure outras conversas que as obras têm entre si!

E mais do que ler as imagens, vamos propor que você faça exercícios para tentar, assim como os artistas, registrar o tempo por meio da fotografia.

Você tem algum equipamento fotográfico com você? Pode ser um celular! Se não tiver pode construir uma maneira de imaginar uma fotografia realizada. Pode ser uma moldura de papel ou com as mãos nessa posição, para imaginar como seria esse recorte do tempo por meio de uma imagem.





Vamos pensar nas imagens que conhecemos até aqui, todas elas mostram movimento, mas, enquanto o **Salto no Vazio** e o **Piscar de Olhos** chamam a atenção para o movimento humano, a **Linha Feita pelo Caminhar** e a **Torre do Relógio** exploram o movimento do mundo, da natureza e da paisagem urbana.

Por isso, os dois primeiros parecem apresentar mais rapidez: mesmo o piscar desacelerado é mais rápido do que o relógio se movendo ao longo de uma hora. Dependendo de como construímos uma fotografia, podemos chamar atenção para algum elemento que passe a impressão de movimento, deixando nossa foto dinâmica ou até agitada.

Mas então, será que podemos construir uma foto em que um elemento devagar possa parecer rápido?

FAÇA UMA TENTATIVA: TIRE UMA FOTO DE UM OBJETO ESTÁTICO DE MODO QUE ELE PASSE IMPRESSÃO DE MOVIMENTO.

VAMOS TENTAR TAMBÉM? CAPTURE O MOMENTO DEPOIS DE UMA AÇÃO. PARALISE O TEMPO EM MEIO A UM MOVIMENTO!



O tempo, assim como a fotografia, é um guardião de memórias. Toda foto guarda um momento, o protege do esquecimento e permite que ele seja revisto várias vezes.

A Linha feita pelo Caminhar, o Salto no Vazio e o Piscar de Olhos são as obras que mais dependem disso, por serem capturas de movimentos. Essas fotos guardam os acontecimentos daquele momento, mas todas essas obras tem algo em comum: elas também se relacionam com o momento justo após uma foto.

Elas podem nos trazer um questionamento: e o que acontece depois da captura instantânea? O que acontece no segundo, no minuto seguinte? Qual foi o resultado dos movimentos feitos pelos artistas? Será que os momentos que surgem depois também não poderiam ser fotos?

A passagem do tempo pode ser percebida por vários sinais. A Torre do Relógio é mais transparente em demonstrar esse tempo, pois ela consegue representar sutilmente o tempo que foi gasto ao nos fazer pensar sobre os minutos e horas que se passaram enquanto a artista construía sua foto. Mas o Piscar de olhos, através da distorção dos segundos necessários para uma ação, também chama atenção para um passagem de tempo mínima, mas significativa.

Sejam segundos, sejam horas, existe sempre uma mudança no ambiente ou em nós mesmos que exibe um espaço de tempo que transcorreu. Mas as mudanças de tempo do nosso corpo são tão sutis, como poderíamos capturá-las? E que meios temos para percebê-las?

Agora que sabemos o contexto das obras, percebemos como o tempo aparece nelas e até relacionamos umas às outras, vamos voltar ao primeiro passo: a leitura dos elementos. Dessa vez, com mais conhecimento sobre o que há por trás das imagens, você pode perceber significados novos no que já observou!



SERÁ QUE VOCÊ CONSEGUE PENSAR EM ALGO ASSIM TAMBÉM? REGISTRE UM SINAL DO SEU CORPO QUE MOSTRE A PASSAGEM DO TEMPO.

Provavelmente você não tem rugas, mas pode ter marcas de que você cresceu, de coisas que ocorreram com você em algum momento específico. Você consegue registrar isso por meio de uma fotografia?

O QUE AS FOTOS NOS FALAM

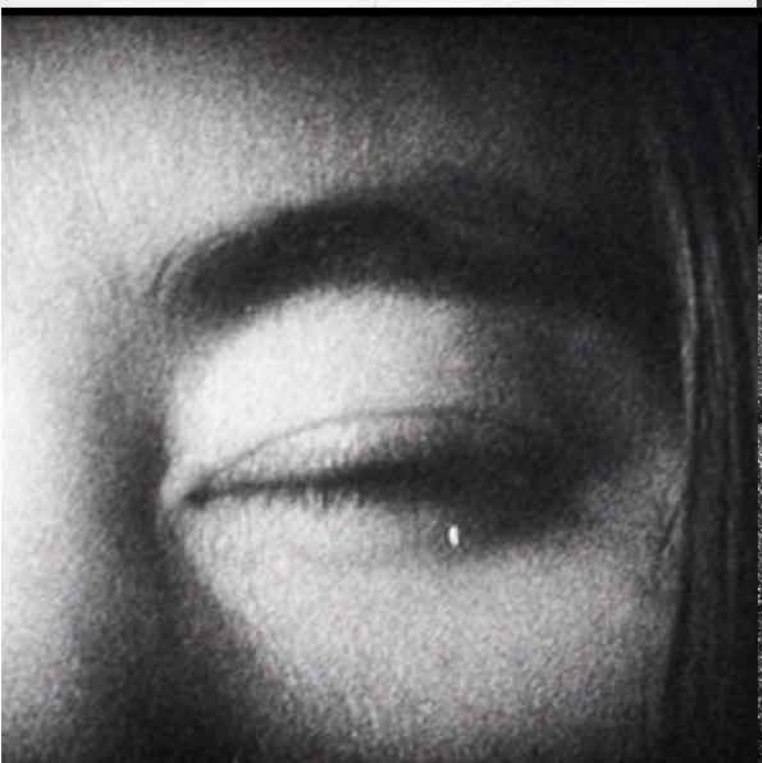
Considerando o que aprendemos sobre os elementos visuais, podemos analisar o corpo das obras e descobrir aspectos que não são encontrados nos conceitos.

Por exemplo: existe uma coisa em comum entre todas as obras apresentadas. Tem algo que te chamou a atenção? O que está faltando? O tom continua presente, mas onde estão as cores? O que isso poderia expressar?

Hoje em dia, acostumados a fotos com cores intensas, a **monocromia** pode nos parecer muito séria ou triste ou nos dar a impressão de uma foto muito velha. Mas se olharmos de uma maneira mais técnica, percebemos que as fotos preto e branco dão muito mais destaque para as formas e objetos que estão nelas! Então, vamos tentar analisar o que os elementos presentes nas fotos podem nos contar?

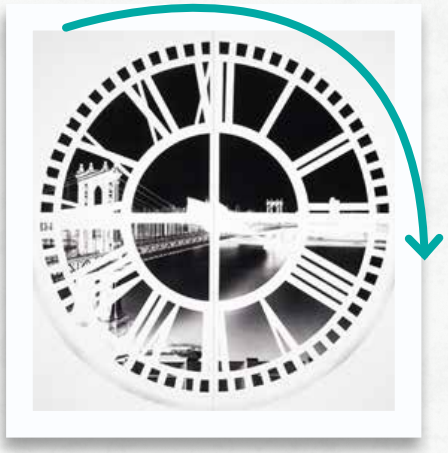


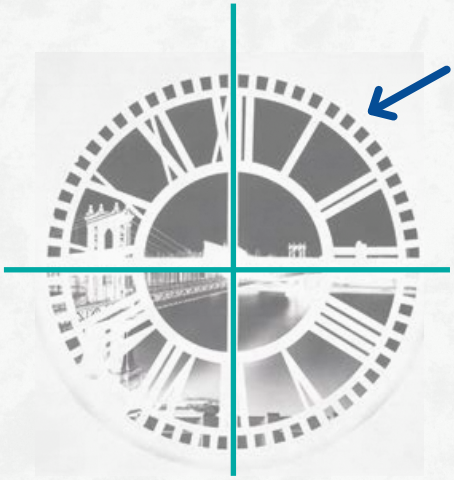






O círculo, representação do ciclo, pode causar uma sensação de infinito, porque não sabemos onde é o seu início ou o seu fim. Nós observamos a imagem dando voltas ao redor do círculo e então dentro dele, olhando cada uma das 4 seções divididas pela linha que corta o círculo na vertical e na horizontal. É como se a foto fosse composta por 4 fotos ou 4 momentos, impressão intensificada pela divisão de 3 horas que cada seção tem.



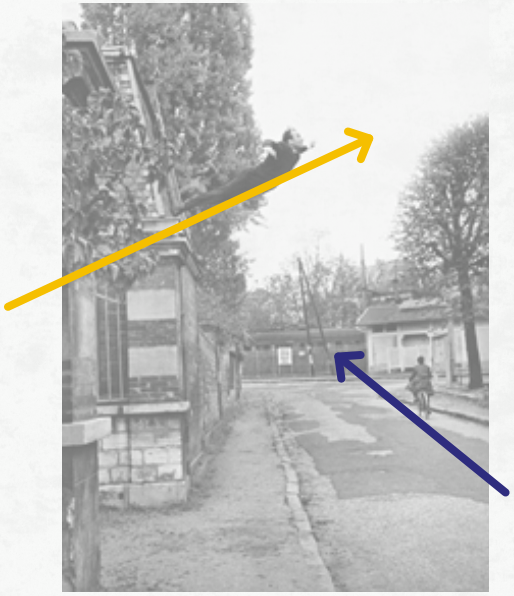


Além da linha divisora, as linhas dos números também são muito visíveis e chamam atenção, assim como os quadradinhos ao redor do relógio. Esses dois conjuntos de elementos fazem com que a estrutura do relógio seja simétrica, muito bem equilibrada. Esses elementos passam a noção de divisão por igual do tempo, do compasso equilibrado do movimento de um relógio.



Já a paisagem de fora, a visão do Brooklyn, pesa mais a esquerda da foto. A diversidade de tons do rio e dos edifícios enriquece a foto, já que o relógio é puramente branco. Esse contraste, além do contraste dos tons que conhecemos da realidade, vem como uma surpresa na foto.

A escala também é presente na foto, pois a cidade no fundo parece pequena em comparação ao relógio.



O movimento da foto depende diretamente da direção que nossos olhos seguem. Nosso cérebro já completa o caminho que o pulo vai seguir e em conjunto com o ciclista no fundo, essa parece uma imagem bem movimentada e com duas linhas mais óbvias de direção: a diagonal de Yves e a reta para o horizonte do ciclista.

Esses dois elementos disputariam a nossa atenção, mas a escala impede isso em parte: mesmo sendo pequeno para nós, Yves parece maior que o ciclista, por isso nossos olhos se concentram nele. O olhar concentrado no artista saltando destaca a sensação do tempo congelado.

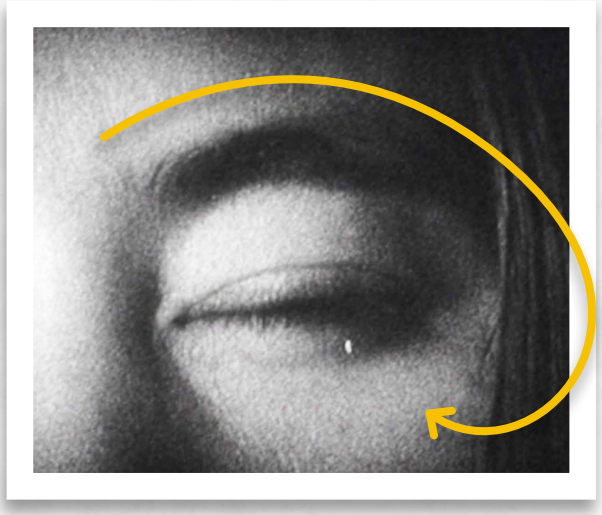
Além disso, sendo a rua o centro da foto, o ponto de fuga é claramente a calçada da rua, fazendo com que Yves se encontre acima do ponto de fuga. Por isso, o corpo dele é um ponto de tensão na foto, fato que ajuda a concentrar nossos olhos nele.

Entre as árvores cheias, o muro que determina o limite da rua, o telhado que segue na direção de Yves e ele próprio, o peso da foto se concentra mais no canto esquerdo superior, causando a impressão de uma foto pesada e carregada. Adicionando a isso, as formas se consistem basicamente de quadrados e retângulos, que também parecem pesar nessa foto.



A primeira coisa a nos chamar atenção nessa foto é seu tamanho. Pela impressão você não teria como saber, mas podemos lhe contar que a escala nos aproxima do olho de Yoko, porque ela é no formato natural de um olho humano, causando sensação de proximidade.

As formas são puramente humanas, diferente das outras que são apresentadas neste livro, fazendo com que esta nos pareça mais íntima ou orgânica - podemos conhecer bem de perto quem é a artista! A textura da pele também causa essa impressão, como se pudéssemos tocar em Yoko Ono.



O movimento do piscar, apesar de não ser visto nesta foto, pode ser imaginado não só pelo nome da obra, mas pela sensação de movimento que o olho semifechado nos causa. Apesar de não encontrarmos linhas geométricas, a linha do olho pode ser interpretada como o elemento de destaque, tanto por seu movimento quanto pela centralização na imagem.



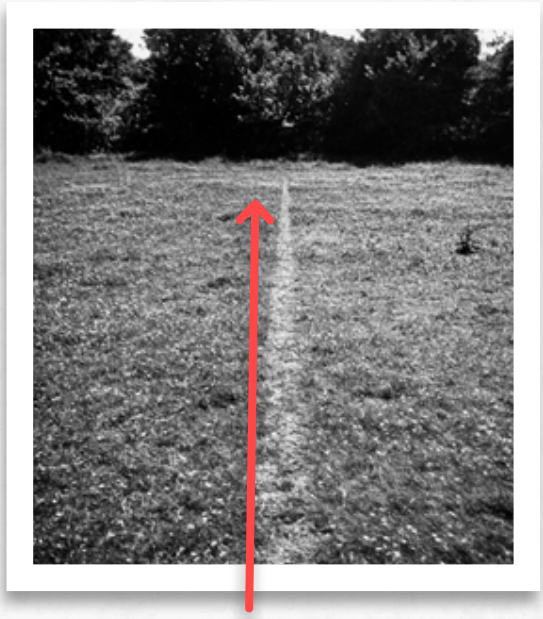
Os tons da obra, tendendo mais para o escuro, passam uma sensação séria, silenciosa e até sombria para a foto, o que se relaciona com o tempo lento que sabemos que a imagem tem. O *contraste* entre os tons mais claros na região perto dos olhos e os mais escuros se afastando deles deixa claro que devemos olhar para o olho, que demonstra ao mesmo tempo uma expressão de seriedade e de calmaria.

Essa foto é extremamente subjetiva, pois ela apresenta como principal e único elemento um rosto humano, que mesmo apresentando elementos visuais, é interpretado principalmente pelas nossas emoções e associações.

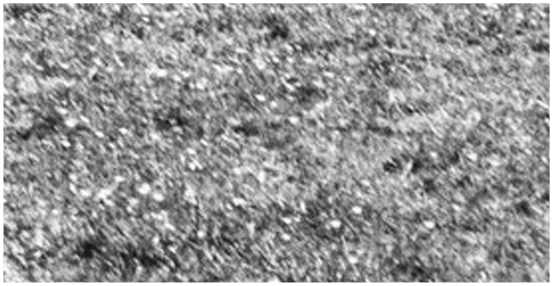
O elemento mais chamativo dessa imagem, o primeiro a ser percebido, é a linha que segue para o horizonte. Ela divide a foto em dois lados simétricos, equilibrando a imagem e também funciona na definição da dimensão da obra. Ela marca claramente o ponto de fuga e nos ajuda a imaginar a profundidade da imagem.

Ela também funciona como a marca do tempo da intervenção. Por isso, o campo parece mais largo, porque também nos parece mais profundo. Entendemos assim que essa escala representa a fragilidade da linha, que ao mesmo tempo parece pertencer ao campo e parece poder desaparecer facilmente. Assim, vemos que essa obra depende muito da perspectiva para o entendimento da ação de Richard em relação ao ambiente.

Os tons da foto são claros e percebemos que é um dia iluminado, exceto pela mata escura no fim da linha, o que também contribui para a profundidade da foto (lembra que falamos sobre perspectiva?). Entre a clareza na frente e a escuridão atrás, a imagem parece bem definida e a ilusão da dimensão aumenta a definição dos elementos.



A textura da grama é bem perceptível, nos aproximando da foto, quase passando a sensação exata de estar neste campo. Por isso, essa foto quase nos parece familiar e o equilíbrio quase que simétrico aumenta a impressão de leveza que a foto iluminada apresenta.





CRIANDO UM NOVO ÁLBUM

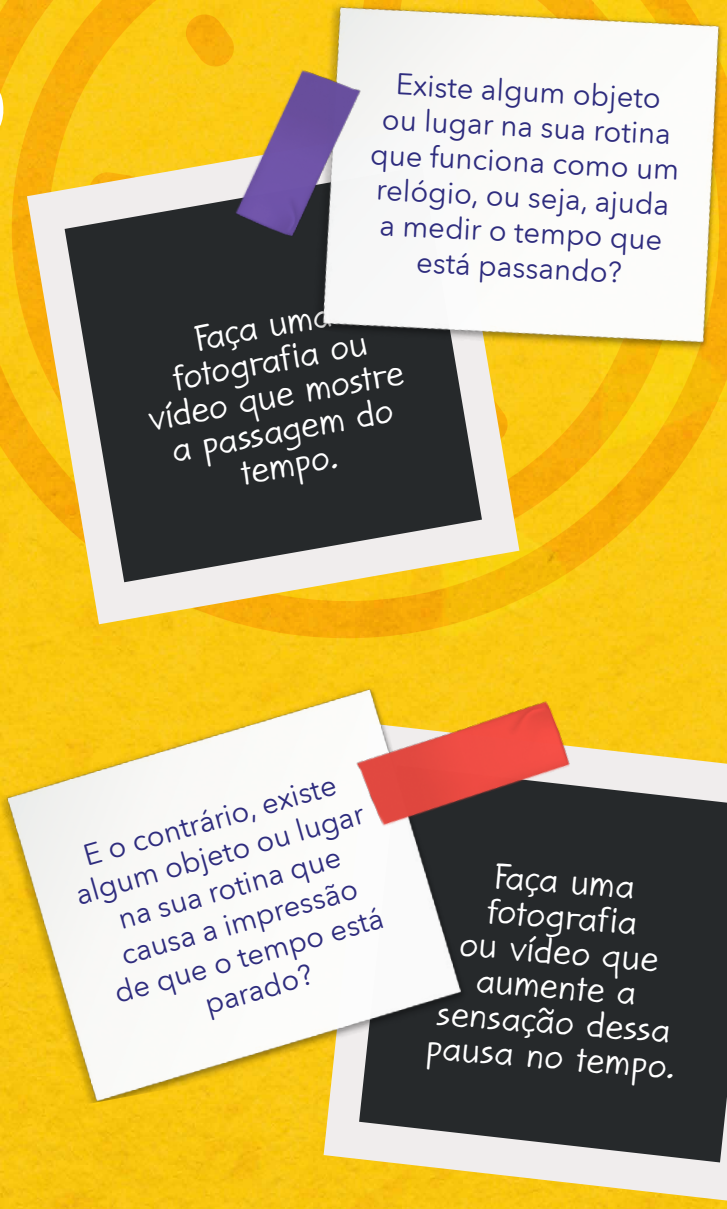
Fotografando o tempo

AGORA CHEGOU A SUA VEZ:

você consegue pensar em como fotografar o tempo? Que dimensões do tempo podemos pensar por meio da fotografia?

Use como exemplo as possibilidades construídas pelos artistas e mostradas neste livro, mas vá além, pensando na sua própria visão de tempo para criar imagens que se relacionem com o seu olhar.

Utilize o ambiente que está ao seu favor, aproveitando objetos que estão ao seu redor e lembre-se de usar seus conhecimentos sobre os elementos visuais para construir sua foto.



Você já percebeu que associamos certas cores a certas horas do dia? Que momento do dia seria representado pelo amarelo? E pelo preto? E pelo azul?

Pense nessas possibilidades e fotografe um ambiente, explorando cores e filtros para representar diferentes períodos do dia.

Depois de várias marcações, tire uma foto dela ainda girando, em cima do papel, que vai funcionar como um registro do movimento da bolinha.

Marque uma bolinha de borracha ou outro material que você tiver com cola colorida, tinta, água tingida com corante ou qualquer outro material que possibilite registrar o movimento da bolinha. Gire ou faça a bolinha quicar em cima de um papel.

Tire fotos ao seu redor que apresentam simetria completa e organize esses elementos simétricos em fotos desequilibradas.

Agora pensando especificamente nos elementos que conhecemos e que uma imagem pode incluir: apresente a simetria do seu ambiente.

E por último, pense na fotografia como um registro seu, do seu tempo. Pense em como os artistas apresentados contaram histórias através de seus registros, tanto histórias criadas quanto representações de momentos que viveram.

Tire uma foto que conte uma história sua.

Agora que você terminou o livro, pode ser que você sinta pequenas mudanças no seu dia-a-dia.

Você pode perceber ao seu redor momentos e lugares que são fontes inspiradoras para novas criações e você nem percebia. Pode ver imagens que antes não eram nada demais, mas agora são cheias de significados ocultos. Por isso, não pare por aqui!

Use o que aprendeu daqui em diante, explorando novos jeitos de expressar suas ideias e experiências e observando como as outras pessoas também se expressam.

Procure outras obras de arte e tente entender o que falam e esteja sempre aberto a novas interpretações! Lembre-se, a arte está sempre mudando, assim como o tempo que se renova a cada dia!

Referências

AIDAR, Laura. Arte Conceitual. **Toda Matéria: conteúdos escolares**, 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/arte-conceitual/>. Acesso em: 29 abr 2020.

ARTIST Richard Long's groundbreaking A line made by walking. **Public Delivery**, 2019. Disponível em: <https://publicdelivery.org/richard-long-line-made-by-walking/>. Acesso em: 19 abr 2020.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2003.

BUORO, Anamelia Bueno; KOK, Beth; ATIHÉ, Eliana Aloia. **O outro lado da moeda** - Coleção Arte na Escola. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

INGRAM, Kerry. Capturing Inverted Worlds: A Talk with Vera Lutter. **Mfah**, 2016. Disponível em: <https://www.mfah.org/blogs/inside-mfah/capturing-inverted-worlds-talk-vera-lutter>. Acesso em: 17 abr 2020.

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. **Arte Br**. São Paulo, 2003.

MAIS, Equipe Fotografia. Instruções de Como Comprar Lentes de Câmera Fotográfica. **Fotografia Mais**, 2017. Disponível em: <https://fotografiamais.com.br/como-comprar-lentes-para-cameras/.> Acesso em: 7 jun 2020.

MOMA. MOMA, 2020. Trabalhos da coleção. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/150227?sov_referrer=artist&artist_id=4410&page=1>. Acesso em 17 abr 2020.

MORGAN, Robert. Yoko Ono: One Woman Show, Museum of Modern Art. **White Hot Magazine of contemporary art**, 2015. Disponível em: <https://whitehotmagazine.com/articles/woman-show-museum-modern-art/3246>. Acesso em 19 abr 2020

PALUMBO, Jacqui. How Yves Klein Tricked the World with This Iconic Photograph. **Artsy**, 2020. Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-yves-klein-tricked-iconic-photograph>. Acesso em: 17 abr 2020.

VERA LUTTER. Vera Lutter, 2020.Trabalhos da artista. Disponível em: <https://veralutter.net/works_clocktower.php>. Acesso em: 17 abr 2020.

YVES KLEIN. Yves Klein, [s.d.]. Trabalhos do artista. Disponível em: <http://www.yvesklein.com/en/oeuvres/view/643/leap-into-the-void/>. Acesso em: 19 abr 2020.

Ficha Técnica

Coleção de Segundos

Autoria
Chiara da Silva Queiroz

Orientação
Julia Rocha

Design
Loisih Aguiar

Impressão
-

Esse material foi produzido como parte da pesquisa de conclusão de curso intitulada "*A importância do ensino da arte na classe hospitalar - A mediação da leitura de imagem como prática*", desenvolvida na Universidade Federal do Espírito Santo, para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Junho, 2020



Neste livro vamos focar na imagem fotográfica, um tipo de imagem muito presente na nossa realidade. Pensaremos na relação que uma foto pode ter com o tempo.